

Curso de Capacitação para: *Elaboração de Guias de Campo de Biodiversidade*
Universidade Estadual de Feira de Santana, 28 a 30 de maio de 2003
PROJETO GUIAS DE CAMPO DE BIODIVERSIDADE

Sistematização do

CURSO DE CAPACITAÇÃO PARA: " ELABORAÇÃO DE GUIAS DE CAMPO DE BIODIVERSIDADE "



Turma do Curso de Guias de Campo

Por:

**Maria Thereza Sopenna Stradmann
Teonildes Sacramento Nunes
Aline Leão Amoêdo**

Universidade Estadual de Feira de Santana
28 a 30 de maio de 2003

Curso de Capacitação para: **Elaboração de Guias de Campo de Biodiversidade**
Universidade Estadual de Feira de Santana, 28 a 30 de maio de 2003

Divulgação

A divulgação foi direcionada para um público específico e foi feita de forma direta através de contatos por telefone e ofícios.

CARTA CIRCULAR - CONVITE

"Como escrever Guias de Campo de Biodiversidade que responda às demandas do público alvo"

Preocupados em promover a conservação da biodiversidade e em desenvolver metodologias participativas para a elaboração de guias de campo, a UEFS (Universidade Estadual de Feira de Santana), SASOP (Serviço de Assessoria à Organizações Populares Rurais), CNIP (Centro Nordestino de informações sobre plantas) e APNE (Associação Plantas do Nordeste), desenvolveram uma experiência metodológica, a qual estaremos repassando através de um **Curso** voltado para pessoas e instituições que visam elaborar e publicar guias de campo.

O curso tem como objetivo principal estimular e orientar a autores de guias de campo e futuros autores, a elaborarem e publicarem um material de fácil utilização para o usuário e que atenda as demandas do seu público alvo.

Contextualização do curso:

Este curso trata-se de uma das metas do "Projeto Guias de Campo de Biodiversidade", e que tem como preocupação repassar os resultados de uma experiência desenvolvida durante a elaboração de um guia de campo intitulado como **"Leguminosas Forrageiras da Caatinga: espécies importantes para as comunidades rurais do sertão da Bahia"**, a qual experimentou metodologias

Curso de Capacitação para: **Elaboração de Guias de Campo de Biodiversidade**
Universidade Estadual de Feira de Santana, 28 a 30 de maio de 2003
participativas para a elaboração do guia, e promovendo uma relação entre o conhecimento popular e o científico.

O Projeto Guias de campo de Biodiversidade está sendo desenvolvido em três países: Grã Bretanha (University of Oxford, Royal Botanic Gardens - Kew, department For International Development - DFID), Brasil (UEFS, SASOP, APNE, CNIP, AS-PTA) e Bolívia (Fundacion de los Amigos de Naturaleza - FAN, Centro International de Agricultura Tropical - CIAT).

O Projeto tem como objetivo principal produzir um MANUAL METODOLÓGICO, sobre como escrever guias de campo de biodiversidade. Para produzir este manual, foram elaborados guias de campo de biodiversidade em diferente países, com a participação direta do público alvo, através de testes e oficinas participativas. Durante a produção desses guias, toda a experiência adquirida com o público alvo foi registrada e fornecerá subsídios para o MANUAL e para o CURSO.

Instituições Participantes do Projeto:

Associação Plantas do Nordeste - APNE
Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS
Serviços de Assessoria a Organizações Populares Rurais - SASOP
Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa - AS-PTA
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq
Department for International Development - DFID
Universidade de Oxford - OXF, UK
Royal Botanic Gardens - RBG-Kew
Centro Nordestino de Informações sobre Plantas - CNIP

Responsáveis pelo desenvolvimento do Projeto:

Dr^a. Anna Lawrence - OXF, UK
Dr. Luciano Paganucci de Queiroz - UEFS
Dr. Robert Allkin - CNIP
Msc. Frans G. Pareyn - APNE
Msc. Marcelino Lima de Souza - AS-PTA
Msc. Teonildes Sacramento Nunes - UEFS
Msc. Jorge Antonio da Silva Costa - UEFS
Msc. Maria Theresa Sopena Stradmann - SASOP
Ana Paula Lopes ferreira - SASOP (Remanso)
Carlos Eduardo S. Leite - SASOP

Programação da Oficina

Dia 28/05 - Manhã

9:00 Abertura

Recepção pelo representante da UEFS

Objetivo e importância do Curso, a que se propõe o Projeto
Apresentação dos ministrantes do cursos

Dinâmica de apresentação e entrosamento

Apresentação dos participantes

Informes Gerais

10:20 - LANCHE

Palestra: Apresentação do Projeto Guias de Campo de Biodiversidade.
Plenária - Dúvidas e colocações

12:30-14:00 ALMOÇO

Dia 28/05 - Tarde

Planejamento do Guia de Campo

14:00 - Definição de guias de campo

15:00 - Avaliação de um guia de campo

Dinâmica: Para que e porque ouvir o Público-alvo

16:20 - Passos para Planejar a elaboração de um Guia de Campo

Dinâmica: Definir Tema e propósito do Guia

Dia 29/05 - Manhã

8:00 - Definindo o conteúdo de um guia de campo

9:00 Como buscar informações e validar estas informações

10:00 - Definição da Estrutura do Guia

10:30 - LANCHE

Curso de Capacitação para: **Elaboração de Guias de Campo de Biodiversidade**

Universidade Estadual de Feira de Santana, 28 a 30 de maio de 2003

10:40 - Dinâmica: Planejando Conteúdo do nosso Guia

12:30 - ALMOÇO

Dia 29/05 - Tarde

14:00 - Sistemas de identificação e Formas de entradas

14:40 - Banco de Dados

15:30 - Lanche

15:50 - Glossário

**16:20 – Produção da Publicação
Divulgação e Distribuição dos Guias**

17:10 – Como Validar os resultados

Dia 30/05 - Manhã

8:00 - Metodologia de como fazer testes – Para validar o processo de elaboração do guia.

Dinâmica: Teste para Validar o guia publicado

10:00-10:15 LANCHE

10:15 - Formação da equipe e de Parcerias

10:40 - Planejamento para a execução do Projeto: elaboração de guias de campo

12:30-14:00 - Almoço

Dia 30/05 - Tarde

**14:00 ENCERRAMENTO
AVALIAÇÃO FINAL DA OFICINA
Entrega dos Certificados**

Memória do Curso de capacitação para: Elaboração de Guias de Campo de Biodiversidade

DIA 28 DE MAIO
MANHÃ

1. ABERTURA

O Curso de capacitação para: *Elaboração de Guias de Campo de Biodiversidade* foi realizado, no dia 28 de março de 2003 às 9:00h, no auditório II, 1º Módulo da Universidade Estadual de Feira de Santana, sendo iniciada por Teo Nunes (UEFS), com a apresentação da mesa, composta pelo Dr. Francisco de Assis, representante da UEFS, Diretor do Departamento de Ciências Biológicas, Prof. Dr. Luciano Paganucci de Queiroz, Coordenador do projeto na UEFS, e a Ms. Maria Thereza Sopena Stradmann, Coordenadora do Projeto no SASOP (Serviço de Assessoria a Organizações Populares Rurais).

Com a palavra o Dr. Francisco de Assis falou sobre a importância da interação do meio acadêmico e os interessados na elaboração de guias de campo de forma participativa, incluindo no processo de construção o público-alvo, passando a palavra para o Dr. Luciano.

O Prof. Luciano Paganucci, falou sobre o projeto, fazendo um breve histórico da sua origem e do objetivo deste Curso, que configura em uma devolução de todo o processo vivenciado no Projeto *Guias de Campo de Biodiversidade* que teve uma duração de 4 anos e obteve como produtos resultantes a interação entre o meio científico e as Comunidades, a construção do Guia de campo "Leguminosas Forrageiras da Caatinga: espécies importantes para as Comunidades rurais do Sertão da Bahia".

Teo Nunes (UEFS) ressaltou a importância do curso tanto para aqueles que ajudaram a construí-lo assim como, para os que participam atualmente, por ser uma sistematização das experiências através de um manual metodológico para a construção de um guia de campo participativo (cujo objetivo maior foi ouvir as informações do público-alvo), contribuindo para preservação da biodiversidade do bioma caatinga.

Curso de Capacitação para: **Elaboração de Guias de Campo de Biodiversidade**
Universidade Estadual de Feira de Santana, 28 a 30 de maio de 2003

Logo em seguida Maria Theresa Stradmann apresentou a equipe de trabalho do curso, composta pelos ministrantes Teo Nunes, Jorge Antônio Costa e a mesma, contando com o apoio técnico de Rogério Mucugê, e secretariando o curso Aline Leão Amoêdo. Ressaltando também, que todos estávamos participando deste curso não como detentores do conhecimento e/ou da informação e que teríamos sim repassar/trocar conhecimentos e experiências, onde todos os participantes assumiriam a partir daquele momento, a função de multiplicadores das experiências vividas neste Projeto específico, visando a elaboração de futuros guias de campo de uma forma mais participativa e integrada.



Composição Mesa abertura do Curso



Plenária Curso - Abertura

Participantes: Foram 36 inscritos representantes de Universidades, Órgãos de pesquisa, Organizações não Governamentais, comunidades. (Lista dos participantes efetivos - Anexo 01).

2. DINÂMICA DE ENTROSAMENTO

Dando início ao curso, Maria Theresa prosseguiu fazendo uma dinâmica de apresentação e entrosamento entre os participantes através da dinâmica das cartas de baralho da Caatinga (APNE), onde cada participante (recebeu uma carta, onde haveria uma outra carta igual, formando uma dupla) apresentou um colega evidenciando o nome, a Instituição a que pertencia e as expectativas do participante com relação ao curso. Após a dinâmica, foram dados os informes gerais com a distribuição da Programação e de uma apostila com Informações gerais sobre o local do curso e da estadia, horários das refeições e telefones úteis.

Expectativas dos participantes com relação ao curso, levantada através da Dinâmica de Apresentação

Manhã de 28/05/03

- Troca de experiências e informações
- Construir guias de campo para áreas de agricultura agroflorestais
- Que o guia de campo leve o profissional ao conhecimento das potencialidades locais visando o fornecimento de subsídios para se trabalhar a auto sustentabilidade das comunidades
- Aprender a trabalhar metodologias participativas
- Consiga aprender como fazer guias de campo e tornar uma informação utilizável
- Aprender o funcionamento das metodologias
- Ouvir experiências
- Aprender diferentes metodologias
- Aplicar os conhecimentos na elaboração de guias
- Conhecer metodologia para trabalhar listagem existente de leguminosas do Ceará com técnicas inovadoras
- Conhecer melhor a biodiversidade do Nordeste
- Utilizar essas informações num projeto de Educação ambiental
- Metodologia para elaboração de lista de espécies do Cerrado do Piauí e trabalhar com populações naturais
- Conhecer metodologia para elaboração de Guia de campo
- Codificação do Bioma Caatinga com enfoque social
- Levantamento sustentável visando a preservação ambiental
- Aprender como se faz um guia de campo para poder elaborar um
- Facilitar o trabalho com a Comunidade de Erveiras
- Como ouvir e retornar as informações – processamento
- Dicas
- Aperfeiçoar o livro sobre árvores de Caatinga
- Produzir um guia de campo junto com os moradores da APA do Rio Capivara com objetivo de incentivar a preservação

Curso de Capacitação para: **Elaboração de Guias de Campo de Biodiversidade**

Universidade Estadual de Feira de Santana, 28 a 30 de maio de 2003

- Verificar metodologias que auxiliem no alcance de um bom desenvolvimento comunitário em cada contexto
- Troca de conhecimento para o real benefício comunitário e valorização social
- Conseguir repassar o que aprendeu
- Possibilitar a transferência de tecnologias com a participação das Comunidades
- Aprender como repassar para o trabalhador rural as experiências numa linguagem acessível
- Aprender a elaborar guia de campo voltado aos alunos do ensino público e guias de turismo
- Conhecer a metodologia e aplicar nas Comunidades rurais e pesquisadores que tenham interesse em trabalhar com guia de campo
- Aprender a metodologia participativa
- Sejam multiplicadores
- Aprender e ampliar o campo de conhecimento através dessa nova metodologia que valoriza o conhecimento popular
- Elaborar guia de Leguminosas do Ceará e dar continuidade a dissertação
- Construir Banco de dados centralizado para alimentar a “fome de informação” sobre a flora da Caatinga
- Transferir a sua experiência obtida na elaboração do “Guia de Campo de Biodiversidade”
- Obter conhecimento de estudos em Caatinga
- Conhecer as práticas de grupo, as formas de abordagem, impacto na Comunidade, aplicabilidade
- Aprimorar uma elaboração de guia para dar base a outros guias.

3. APRESENTAÇÃO DO PROJETO GUIAS DE CAMPO

Slides apresentados

Projeto Guias de campo de Biodiversidade no Brasil

Maria Theresa Sopenna Stradmann
Jorge Antonio Silva Costa
Teonildes Sacramento Nunes
Ana Paula Lopes Ferreira

→ **Apresentação**

↓ Qual é o bioma e o grupo de plantas?

- Caatinga
- Leguminosas

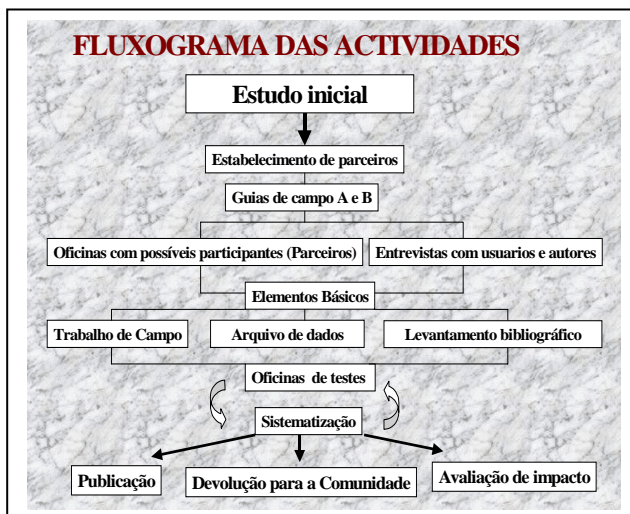
→ **OBJETIVO GERAL**

- Desenvolvimento de uma metodologia participativa, para preparar e escrever guias de campo para identificação de plantas e que seja de fácil utilização.

→ **LEGUMINOSAS DA CAATINGA COM ESPÉCIES DE POTENCIAL FORRAGEIRO**
Prof. Dr. Luciano P. de Queiroz



Unha de gato - *Acacia bahiensis* Benth.



→ **Instituições Participantes - Parceiros:**

- ↓ SASOP - Serviço de Assessoria às Organizações Populares Rurais
- ↓ UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana
- ↓ AS-PTA - Assessoria e Serviços a Projetos de Agricultura Alternativa
- ↓ APNE/CNIP - Associação de Plantas do Nordeste

→ **Guia de campo A**

Guia que reúne 250 espécies de plantas, da família botânica Leguminosae, forrageiras, que existem no semi-árido (caatinga) de Bahia, destinado para a identificação de espécies da região por um público que não tem conhecimentos em taxonomia botânica: naturalistas em geral

→ **Guia de campo B**

Guia com 21 espécies de leguminosas forrageiras, do mesmo bioma da região do Nordeste. Este guia trás informações sobre o uso e manejo de algumas espécies, apontadas por agricultores e por técnicos que assessoram as comunidades rurais, como as mais importantes para a região.

→ **PARCEIROS INTERESSADOS**

- ↓ CAA - Centro de Assessoria do Assuruá
- ↓ GARRA - Grupo de Apoio e de Resistência Rural e Ambientalista
- ↓ IPETERRAS - Instituto de Permacultura em Terras Secas
- ↓ Comunidade da Pitomba
- ↓ Comunidade Lagoa Funda
- ↓ Comunidade de Jatobá
- ↓ Comunidade de São Gabriel

→ **ELEMENTOS BÁSICOS**

Definição do público
Guia de campo A:
Naturalistas
Guia de campo B:
Técnicos e agricultores

Definição das preferências para ilustração
Textos
Sistemas de acesso e aspectos básicos

Definição dos modelos

→ **Trabalhos de Campo**

- ↓ Envolvimento das comunidades no projeto
- ↓ Seleção das espécies que sejam mais necessárias e importantes para a comunidade
- ↓ Coleta, fotografia e descrição das espécies
- ↓ Identificação taxonômica das espécies

→ **BANCO DE DADOS**

- ↓ Identificação e criação dos descritores diagnósticos;
- ↓ Descrição das espécies, elaborando uma ficha de identificação;
- ↓ Criação e alimentação de um banco de dados.

→ **LEVANTAMENTOS BIBLIOGRÁFICOS**

- ↓ Guias
- ↓ Livros
- ↓ Periódicos
- ↓ Revistas
- ↓ Sites



→ **OFICINAS DE TESTES**

TESTE DOS ASPECTOS ESTRUTURAIS E DE CONTEÚDO



→ **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

↓ **o QUE APRENDEMOS NO PROCESSO:**

- A importância de ouvir o público-alvo;
- É de fundamental importância que fiquem bem claros e definidos, os compromissos por parte dos participantes, dos envolvidos e das parcerias estabelecidas;
- Fazer Projeto para a Publicação dos guias, antes de aplicar os testes, considerando os custos disponíveis.

COMENTÁRIOS SOBRE A APRESENTAÇÃO DO PROJETO:

Na apresentação do Projeto Guias de campo de Biodiversidade onde foram colocados o Bioma envolvido - Caatinga - e o grupo de plantas estudado - leguminosas, onde procurou-se evidenciar a importância do Ecoturismo para a divulgação da biodiversidade e do Parque, acrescentando que "A Caatinga não é só cacto, é floresta, é vida".

Os objetivos gerais do curso como sendo o desenvolvimento de uma metodologia participativa para preparar e escrever guias de campo de fácil utilização e compreensão dos usuários. Apresentou as Instituições participantes do Projeto - SASOP, UEFS, CNIP, APNE, AS-PTA, ECI/OX E RBG-KEW - e então prosseguiu falando sobre os elementos básicos para a construção de um guia:

1. Definição do público - do Guia A e do Guia B;
2. Definição de preferências para ilustração, textos, sistemas de acesso e aspectos básicos;
3. Definição de modelos para trabalho em campo;
4. Definir as Comunidades que serão envolvidas;
5. Seleção das espécies mais importantes para as Comunidades envolvidas;
6. Fazer o registro das espécies (coleta, descrição e foto);
7. Identificação taxonômica;
8. Construção de um Banco de dados para identificação e criação dos descritores diagnósticos através da confecção de fichas de identificação e descrição das espécies, ressaltando que é importante estar sempre alimentando o Banco a medida em que forem surgindo novos dados;
9. Registro bibliográfico (guias, livros, periódicos, revistas e sites utilizados como fonte de pesquisa);
10. Oficina de testes dos aspectos estruturais, de conteúdo, do funcionamento do guia em campo -na prática-, antes da edição final; e por fim, as
11. Considerações finais sobre o que foi aprendido no processo como a importância de ouvir o público-alvo, deixar claro e bem definido os compromissos por parte daqueles que estão envolvidos e dos parceiros estabelecidos. Foram ressaltados a importância de

Curso de Capacitação para: **Elaboração de Guias de Campo de Biodiversidade**

Universidade Estadual de Feira de Santana, 28 a 30 de maio de 2003

considerar os recursos disponíveis no Projeto para publicação do guia antes da aplicação dos testes.

PLENÁRIA (P) APÓS A APRESENTAÇÃO:

(P) Pergunta: Como se dá o retorno do produto à Comunidade (compromisso)?

(MT) Resposta - Maria Theresa: Por Reuniões locais com entrega de um volume por família através do lançamento com instruções de uso; Lançamento com parceiros em sua Comunidade; e Lançamento em Salvador (mais global) - ainda não foi feito.

P: Como foi escolhida a área em que seria trabalhada?

MT: Fazendo uma busca dos interessados em trabalhos na região da Caatinga, reconhecendo assim os Parceiros e delimitando a área de estudo. Todas as ONG's, OG's e Instituições de Pesquisa que já fizeram ou fazem guias e atuam nessa área (Caatinga) foram chamadas, mas só participaram as que demonstraram interesse.

P: Houve algum impasse na Comunidade entre o seu pensamento e o dos pesquisadores?

MT: Para diminuir o impacto, foi feito contato com ONG's que já tinham acesso à Comunidade anteriormente já sabendo das suas necessidades. Mas mesmo assim foi feita a consulta na Comunidade para saber se interessa mesmo esse estudo.

P: Como se dá a validação das informações de uso de plantas pela Comunidade?

MT: Através de uma pesquisa em livros ou qualquer outro produto oficial, de especialistas, que comprove a utilidade da planta para o referido uso. Sendo que cada caso tem um procedimento específico.

P: Como foi a ligação e o estabelecimento do comprometimento com os parceiros?

MT: A maior dificuldade foi encontrar parceiros para recursos financeiros, mas é importante estabelecer antes com o que o parceiro irá contribuir para que mais tarde possa ser cobrado.

P: O universo de atuação estabelecido no início sofreu alguma alteração?

MT: Foram feitas consultas constantes durante todo o processo para cobrir as demandas que iam surgindo ao longo do caminho, abrindo parcerias e

Curso de Capacitação para: **Elaboração de Guias de Campo de Biodiversidade**

Universidade Estadual de Feira de Santana, 28 a 30 de maio de 2003

entrando em consenso visto que se trata de um processo construtivo de forma participativa.

P: Como foi feita a definição da linguagem usada? Foi feita consulta com algum profissional (Comunicação)?

MT: Sim, para incluir o glossário no fim do guia para aqueles termos técnicos de extrema necessidade. Também foi feito um teste da escrita do glossário para que houvesse uma melhor compreensão por parte dos usuários.

P: Diante do grau de leitura por parte dos usuários, como se dá a identificação? Através da leitura ou das fotografias?

MT: O foco era fazer guias para técnicos e agricultores alfabetizados. Os elementos de identificação que eles mais utilizam para fazer a identificação das plantas são as ilustrações e fotografias.

P: Qual foi o compromisso estabelecido com os parceiros?

MT: A elaboração do Guia de Campo e a experimentação de novas tecnologias para elaboração de manuais de como fazer um guia de campo participativo.

P: Qual foi o público-alvo do Projeto?

MT: Técnicos agrícolas ou que dão assistência a Comunidades organizadas e mobilizadas com atuação de ONG's.

P: Quais as alternativas de metodologia que serão discutidas no curso?

MT: Tentar envolver, ouvir as necessidades e buscar soluções viáveis para Comunidades através de uma participação conjunta tendo comprometimento por ambas as partes.

P: Qual o aproveitamento do guia na Comunidade visto o grau de analfabetismo?

MT: O público-alvo foram os técnicos, profissionais alfabetizados que irão trabalhar com a Comunidade e repassar o conhecimento do guia para eles. Mas tudo isso vai depender de para quem se escreve, pois deve atender as necessidades deste público. Serão feitos estudos de impacto de registro e mapeamento da área de abrangência do guia para avaliação futura do seu uso e validação da utilidade do guia em outras áreas (Estados), do seu uso em prática e capacidade de passar informações.

P: Qual o trato dado às informações de conhecimento popular do manejo das espécies para o uso de plantas para cura de dores e doenças?

MT: O foco do projeto está no manejo o qual buscou a história de experimentação de uso das espécies pela Comunidade, registrando aquilo que interessava ao Projeto. A depender do foco é que se estabelecerá o que irá conter no guia. O uso de plantas para fins medicinais não era o foco, logo não foi retratado no guia. É preciso ter certeza de que as informações ali contidas são corretas fazendo sempre uma validação do conteúdo através de pesquisas.

Curso de Capacitação para: **Elaboração de Guias de Campo de Biodiversidade**
Universidade Estadual de Feira de Santana, 28 a 30 de maio de 2003

P: O educador formal ficou de fora do Projeto?

MT: Não, nessa experiência piloto, temos como produto final a construção de dois guias diferentes: um para técnicos com poucas espécies falando sobre o manejo e outro mais geral, isto é, com uma maior amplitude do público com tratamento diferenciado, identificando mais espécies e não falando sobre o manejo. Como o tempo e os recursos são limitados não foram colocadas outras utilidades fora do âmbito do público alvo.

P: É possível fazer um Banco de dados mais geral com linguagem mais simples?

MT: Sim, vai depender do seu foco, se o seu público alvo vai precisar e se utilizar desse recurso, além de ter tempo disponível para fazer isso.

P: Há alguma ligação da Organização com a Secretaria da Educação para que o guia fosse repassado às escolas?

MT: Isso vai acontecer a depender do seu direcionamento durante o trabalho, isto é, o guia será destinado a quem, de que forma.

P: Por se tratar de um guia, a abordagem tem que ser restrita?

MT: O guia deverá abordar aquilo que foi proposto anteriormente de acordo com os recursos, a equipe, o tempo disponível para que seja possível contemplar todas as informações desejadas.

DIA 28 DE MAIO - TARDE

Durante a tarde aconteceu uma palestra sobre a definição de guia de campo, sendo iniciada com um levantamento das opiniões dos participantes sobre qual da definição de "GUIAS".

Definição do que é Guia de campo através de uma dinâmica de levantamento de opiniões dos participantes do curso.

Tarde de 28/05/03

O que é um Guia de campo?

- Instrumento
- Orientação
- Indicador
- Informativo
- Roteiro
- Receituário
- Subsídio
- Manual
- Caminho
- Instrução
- Registro
- Elo de ligação
- Comunicação
- Repassador de conhecimento
- Referências
- Material orientador
- Auxílio a identificação
- Recurso
- Normatização

O que não é um Guia de campo, mas está relacionado com a definição de um Guia

- Sistematizador
- Utilidade
- Organização
- Estudo
- Identidade
- Memória
- Simplificação
- Reconhecimento
- Método
- Disponibilidade
- Dinâmica
- Público alvo
- Troca de idéias
- Plano
- Estratégia
- Projeto
- Biodiversidade
- Serviço
- Sensibilizador

Consenso sobre a definição de Guia de campo

"Roteiro informativo sobre determinado assunto atuando como Instrumento de auxílio na constatação daquilo que ele se propõe a informar."

Após a discussão da plenária, apresentou-se conceitos e definições para guias de campo.

APRESENTAÇÃO: TEO NUNES

GUIA: "Livro ou publicação de instruções acerca de algum ramo especial de serviço ou de qualquer outro assunto; guia do criador de porcos; guia das mães".

"Publicação destinada a orientar habitantes ou visitantes de determinada região ou cidade sobre atrações turísticas, estradas, logradouros, horários de transportes, etc; roteiro".

(Fonte: Aurélio, 1ª. edição, 14ª. impressão)

E falou sobre os impactos e importâncias de um guia.

II - DEFININDO A IMPORTÂNCIA DE UM GUIA.

Um guia é útil quando ajuda as pessoas da área rural a usar mais ervas medicinais, a cultivar mais árvores nativas, motiva a valorização e a proteção dos bosques, atrai ecoturistas a região, e permite aumentar a área de vegetação natural que pode ser monitorada.

Um guia é importante quando ajuda aos botânicos a comunicarem em termos compreensíveis às comunidades, técnicos, sociólogos, etc., a compreenderem a importância do nome científico/ identificação correta de uma espécie, ou sobre qualquer outro assunto.

Para ser importante, um guia deve ser:

- 4 **Confiável:** Contêm informações corretas, tanto científica como local.
- 4 **Útil:** Funciona como uma ferramenta para chegar a informação desejada, comunicando-se de maneira efetiva.
- 4 **Relevante:** Quando se adequa ao propósito original do guia.

4 **Atrativo:** Quando está bem desenhado, e o usuário se sente motivado usá-lo.

III - IMPACTO DE UM GUIA DE CAMPO

- A utilização de guias pode promover uma interação com a comunidade';
- Desperta atenção;
- Estimula a pessoa a saber um pouco mais
- Muda o cenário, as coisas deixam de ser um objeto passivo, fica mais fácil de trabalhar;
- Dissemina de forma mais ágil informações desconhecidas;
- Socializa conhecimento adquirido
- Agrega valor as plantas nativas
- Colabora no processo de identificação da Biodiversidade;
- Permite conhecer os recursos para melhor utilizá-los.
- Com um guia o resultado é mais imediato do que com outros documentos, ele comunica mais rápido.

Neste momento foram entregues as pastas com as apostilas para os participantes (Anexo 03).

O que deve conter num guia de campo para que atenda as demandas do público-alvo e como fazer a avaliação de uma guia?

Maria Theresa

MISSÃO
"COMO ESCREVER GUIAS DE CAMPO DE BIODIVERSIDADE
QUE RESPONDAM ÀS DEMANDAS DO PÚBLICO ALVO"

O PRODUTO DEVE SER:

- ÚTIL
- DE FÁCIL UTILIZAÇÃO
- UM DOCUMENTO QUE SEJA REALMENTE USADO!

Pergunta: - O que um guia de campo deve ter para ser útil?

PARA ATENDER À MISSÃO, O GUIA DE CAMPO DEVE:

- Ter a informação que o público alvo necessita;
- Comunicar a informação (linguagem e imagem) para o público alvo;
- Ser um instrumento atrativo.

Para isto o guia deve ser:

Confiável: Conter informações corretas, tanto científica como local;

Usável: o guia deve ser um instrumento para obter a informação desejada, e que deve ser comunicada eficientemente;

Relevante: ser adequado para o propósito do guia;

Atrativo: bem estruturado, e que o usuário se sinta motivado para usar o guia.

DINÂMICA DE EXERCÍCIO PRÁTICO:

Após a explanação foi feita uma dinâmica intitulada de "Para que e porque ouvir o público-alvo", com objetivo de avaliar guias de campo já publicados, onde cada grupo (com até 6 participantes), deveria analisar 2 guias, e em seguida apresentar em plenária os resultados. A prática teve como propósito metodológico, despertar para o futuro autor, as necessidades do leitor, ou seja do usuário.

Os grupos analisaram seguindo os seguintes itens:

- **Ilustrações** - se estas imagens estimulam a folhear ou ler o guia, se a imagem tem nitidez, se o tamanho é adequado, se o conjunto de imagem permite a identificação da espécie, se as imagens tem relação com o texto;
- **Sistemas de acesso** - (apresentação, agradecimentos, introdução, índices) - se as informações são encontradas através dos índices, se é importante ou não a presença daqueles índices, se deveriam ter outros índices, se, é entendido pelo o usuário, a parte que traz informações de como utilizar o guia, se deveria ter outros mecanismos;
- **Informações do texto** - verificar se a leitura está de fácil entendimento, se a linguagem é acessível ao público, se o volume de informações é adequado, se o tamanho das letras é adequado;
- **Aspectos físicos** - verificar se o tamanho do guia é adequado, se a capa proposta precisa ser modificada, se o papel proposto é interessante.

Cada equipe recebeu um quadro onde deveria registrar os aspectos positivos e negativos de cada um desses itens acima citados.

Aspecto	+ POSITIVO	- NEGATIVO
Ilustrações		
Recursos para encontrar informação		
Conteúdo da descrição		
Aspectos físicos		

Após a conclusão do quadro, foi feita a apresentação do que foi detectado através de um representante de cada grupo.

Após as apresentações, foram encerradas as atividades do primeiro dia de curso, com uma avaliação do dia de trabalho (Anexo 04).

DIA 29 DE MAIO - MANHÃ**PALESTRA**

o que deve ser feito para se chegar a um produto ideal?

Maria Theresa

Para se chegar a um produto ideal, o processo de construção deve ter as seguintes características:

1. Ser Participativo:

Ouvir o público-alvo – processo consultivo;

Entender a contemplar suas necessidades.

Envolver todos os atores relevantes e validando todo o material e o conteúdo do guia com o público-alvo

2. Ser baseado na investigação sistemática, para descobrir e validar toda a informação do conteúdo.**Ponto de Partida:**

Parte de um pressuposto de um estímulo já existente. Seja ele:

- Tema
- A importância
- A necessidade de uma determinada comunidade, instituição, etc.
- Existe um recurso e quer se fazer um guia...

Independentemente de onde se parta o estímulo, o autor deverá definir com os interessados, com o público-alvo a Metodologia Participativa.

1º) Passo: Definir com os interessados:

1. Definir o tema
2. Definir o público-alvo
3. Definir o objetivo

2º) Passo: Validar definições com o público-alvo

A seguir, entregou-se um esquema resumido para entendimento dos passos para confecção de um guia de campo. (Organograma - Anexo 05).

PLENÁRIA:

Pergunta: (Maise - UFBA) Será que um guia para pescadores será utilizado mesmo? Será que a Comunidade usará? Ou quem fará uso será um técnico ou um pesquisador?

MT: Para que se tenha certeza se o seu público-alvo fará mesmo uso do guia é preciso ter bem definido qual o seu público. Agora, se a pesquisa for feita num lugar, porém, seja destinada a um público que pertença a uma outra Comunidade, o seu retorno para a Comunidade onde foi realizada a pesquisa pode ser no acréscimo de informações sobre uso e importância do objeto pesquisado.

Comentário: (Emerson - UESC) acrescentou falando: O pescador não pesca durante todo o ano e todo tempo. Então, deve-se mostrar para eles a importância do local onde ele vive e retira o seu sustento, das plantas e animais que vivem ao seu redor e muitas vezes não se presta atenção.

Comentário: Maria do Céu (UFPB) também falou: É preciso investir no público e se atentar aos objetivos para que o guia contemple tudo que foi proposto.

Comentário: Erivaldo (Jardim Botânico - SSA) mudando de assunto ressaltou: O uso da chave é importante, pois muitas plantas têm uma diferença mínima, logo, este será o melhor recurso para que se facilite a identificação.

Maria Theresa então lembrou que: *É preciso garantir ao público-alvo que a informação chegará até ele mesmo que um outro público consulte o guia e não se satisfaça quanto ao conteúdo.*

Comentário: Alana (CRA) falou também: *Não se pode deixar de fora o conhecimento científico mesmo que o seu público-alvo seja leigos. É preciso dar um embasamento científico para que se garanta a validação do que está ali contido, dando maior credibilidade ao trabalho.*

DINÂMICA - PLANEJANDO O NOSSO GUIA DE CAMPO

Encerrada a plenária, foi feita então uma dinâmica onde cada participante começou a planejar o seu próprio guia através da definição do tema e do propósito do guia que iria escrever no futuro. Cada participante registrou o seu Projeto de guia em uma folha de flipchart, definindo o e o que pretende com o guia. Quem tinha tema definido escreveu o seu, e quem não tinha definiu um tema como referência. Depois foi feita uma apresentação dos trabalhos

oralmente e uma exposição de todos os registros no mural, para que fosse trabalhado durante o decorrer do curso.

Maria Theresa ressaltou a importância de ouvir as informações que são dadas com atenção, para que não haja erros na titulação dos guias.

A dinâmica objetivo em se fazer um primeiro ensaio para a definição de um guias de campo, onde cada autor, a partir desta prática, iria tomar o curso direcionando os conhecimentos para a construção do seu próprio guia. (Resultados dos participantes - Anexo 06).

PALESTRA

Como definir o conteúdo de um guia de campo?

Maria Theresa

Para definir o conteúdo: temos como Princípio

- Considerar a participação local (dos interessados) e o conhecimento tradicional do uso dos recursos naturais
- Definir necessidades que o público alvo espera encontrar no guia

Qual será a utilidade do guia para aquele público alvo?

- Caracterizar o ambiente
- Despertar ou sensibilizar para algo
- Identificar plantas / animais
- Reconhecer plantas / animais
- Renovação e utilização correta, sustentável de um determinado bioma
- Etc.

De acordo com a utilidade e com o tema definido, existem 2 tipos de guias:

Categorias de guias:

a) Para identificação (somente identificação de espécies)

Aquele que destina somente para a identificação, aves aquáticas, lírios, etc

b) Outras informações (além da identificação)

a) Para identificação (somente identificação de espécies)

- Quais serão os elementos que um guia deve ter para que o usuário possa identificar uma espécie?

Elementos que vão contribuir para que o usuário possa identificar a planta:

1. Texto com as descrições características das espécies.

- ✓ Linguagem
- ✓ Características diagnósticas
 - Conhecimento científico (bibliografia, pesquisado pelo autor, etc.)
 - Conhecimento popular (terminologia e reconhecimento local das características de uma espécie: Ex. espinho = birro; casca = cortex)
- ✓ Tamanho do texto
- ✓ Relacionar com a ilustração (seja foto, ilustração, aquarela).
- ✓ Ilustrações: vai ter, que tipo???

2. Ilustrações

- ✓ Para aquele público-alvo, a imagem é um instrumento que ajuda na identificação?
- ✓ Que tipo de imagem?

3. Chaves

- ✓ Chaves de identificação:
 - 1 – Para pesquisadores, biólogos, botânicos, especialistas das áreas de conhecimento: peixe, aves, mamíferos, etc
 - 2 – Para públicos não especialistas. Técnicos em geral;
 - 3 – Para leigos em sistema de identificação.

4. Glossário

- ✓ O Guia deverá ter glossário?
O Público-alvo decide se necessita de um glossário ou não.

b) Outras informações (além da identificação)

Além de identificar a espécie, o guia deverá contribuir com que outras informações? *(A depender das necessidades do público-alvo)*

- ✓ Manejo - Como coletar informação
- ✓ Usos: medicinal, ornamental, madeireiro, recuperação de áreas degradadas, etc.
- ✓ Distribuição geográfica das espécies
- ✓ Outras demandas: Receita medicinal; como cultivar; como plantar; manejo da espécie, etc.
- ✓ Informações ecológicas da espécie: comportamento animal: reprodução; fenologia;

Tendo decidido os elementos que entrarão no guia, deve-se definir agora:

Definição do número de espécies que o Guia contemplará:

Definir o número de espécies baseado em:

- ✓ De acordo com o grupo de espécies escolhidas;
- ✓ De acordo com os recursos;
- ✓ De acordo com as necessidades do público-alvo (preferências);
- ✓ Preferências X recursos X tempo;
- ✓ A facilidade de encontrar as espécies (acesso);
- ✓ A frequência com que encontramos as espécies;
- ✓ Ocorrência noturna ou diurna;
- ✓ Grau de risco dos animais

Foi entregue a cada participante um organograma dos passos para elaborar um guia de campo. (Anexo 05).

PALESTRA

Como buscar informações e como validá-las?

Teonildes Nunes

VI - COMO BUSCAR E VALIDAR AS INFORMAÇÕES

A origem de cada informação utilizada na elaboração de um guia de campo deve ser registrada pelos seguintes motivos:

- ✓ **Para manter a qualidade da informação:** conhecendo-se a(s) fonte(s) responsável por uma determinada informação, os usuários e os autores serão capazes de checar informações suspeitas e, em caso de dados incompatíveis examinar todas as evidências antes de tomar a decisão final.
- ✓ **Para garantir os direitos autorais:** anexar a fonte de um dado é uma maneira de se reconhecer a propriedade intelectual da informação.

Quais as fontes de informações a serem utilizadas?

- ✓ Bibliografias
- ✓ Especialistas ligadas a Instituições científicas
- ✓ Laboratórios práticos
- ✓ Provas com profissionais não botânicos (não especialistas do tema)
- ✓ Coleta
- ✓ Observação de campo
- ✓ Comunidades
- ✓ Internet

A informação relativa à diversidade biológica se apresenta de duas formas:

- Dados primários: que consistem nas informações obtidas em coletas de espécimens, observações e estudos diretos de espécies. Tal informação, resultado dos esforços de taxonomistas e sistemáticos nos últimos 300 anos, é provavelmente a fonte de dados mais importante referente à biodiversidade.
- Dados secundários: que consistem em resumos baseados nos dados primários que adquiriram a forma de mapas regionalizados, guias de campo e registros municipais.

Comentários (Teonildes Nunes)

Um Banco de dados poderá servir de auxílio para informações sobre diversidade biológica, a exemplo do Alice, onde você pode obter além de informações taxonômicas, relatórios e bibliografia. Para estruturar um Banco de dados é preciso primeiramente capturar dados, depois fazer a análise desses dados e agregar dados descritivos gerados da observação. Os elementos descritores podem ser: hábitos, usos, importância, nome vulgar, dados taxonômicos, fonte de dados, enfim, o que você desejar. É importante fazer o Backup, constantemente, do banco de dados para que não haja perda de dados. Os usuários desse Banco podem ser pesquisadores, estagiários, ou até mesmo a Comunidade local através da publicação dos dados ali contidos. É preciso também definir a autoria, para se creditar àqueles que fizeram o trabalho de pesquisa. Finalizando, Teo Nunes apresentou o Herbário da UEFS (HUEFS) para exemplificar o que foi dito.

PALESTRA

Como definir a estrutura de um guia?

Teonildes Nunes

VII - COMO DEFINIR ESTRUTURA

Para definirmos a estrutura de um guia de campo, devemos antes definir exatamente o que queremos com este guia, qual o seu objetivo. A partir daí poderemos definir o seu formato, quantidade de espécies, tipo de informação, qualidade de papel, impressão, etc.

Pontos a serem analisados:

Tamanho do guia

O tamanho do guia será estimado de acordo com o número de espécie e da quantidade de informação que ele conterá.

Ex.: um guia de aves: com certeza necessitará uma ilustração (foto ou aquarela) com todas as espécies, e não necessariamente necessitará de uma descrição detalhada da espécie.

Devemos realizar um estudo prévio das características especiais das plants

A redução da descrição e a inclusão de aquarelas para todas as espécies podem ser estimadas da seguinte forma:

Um guia para 20 aves:

- pelo menos 5 páginas com ilustração (4 aves por página)
- Ca. 5 páginas para descrição (4 aves por página), incluindo também a distribuição geográfica da espécie e nomes vulgares. Isto se estamos considerando que as espécies ou público-alvo não necessitam de uma descrição minuciosa da espécie.
- 5 páginas com introdução, apresentação, índices e referências bibliográficas.
- Também devemos levar em conta os recursos disponíveis para a publicação: temos recursos disponíveis ou os recursos são escassos???

Formato

Devemos levar em conta quais os conteúdos/capítulos ou tópicos presentes no guia para definirmos o formato de um guia de campo:

Introdução

Metodologia

Informação ecológica

Motivação

Instruções de uso

Conclusões

Recomendações

Formas de identificação

Gramatura (90g ou 180g)

Referências

Glossário

Distribuição geográfica

A partir daí definiremos:

Tamanho

Capa (dura/ mole, plastificada, cores)

Tipo de papel (fosco ou brilhoso)

Número de páginas

Quantidade de ilustrações

Arranjo e distribuição das fotos

Fonte e espaçamento

Tema, objeto e usuário → Essencial

Nossas conclusões:

Não utilizar fotos muito detalhadas quando o público-alvo é uma comunidade de agricultores, por exemplo. Os detalhes de uma pequena flor, pode ser confundida com a ilustração de uma flor maior. *Já se tratando de pesquisadores como público-alvo, isso se torna importante.*

Qual a ilustração que funcionou ou comunicou com o público

Exemplos dos testes do guia A e B

Guia B - só fotos e algumas fotos

Guia A - ilustração e algumas fotos.

Não combinar fotos com ilustrações em uma só página**Arranjo e distribuição dos desenhos**

Cor

Preto e branco

Fotos

Desenhos

Silhuetas

Glossário ilustrado

Planta inteira

Partes da planta

Dentro das chaves

Mapas de distribuição

Desenhos de técnicas de manejo

A colocação de foto num lado e texto com a descrição no outro faz a relação entre texto e ilustração além de economizar espaço.

Posição do Glossário

Onde deveremos incluir o glossário?

No início do guia?

No meio das descrições como caixas de texto?

No final do guia?

Qual a posição dos Índices? O que fazer com:

Páginas em branco

Legenda das fotos

Morfologia

Características diagnóstica

Chaves ou equivalente

Espécies parecidas

Uso forrageiro- animal/parte planta

Outros usos (medicinal, madeira, alimentação humana)

Manejos forrageiros

Outros manejos (produtivo/ reprodutivo)

Nomes comuns

Distribuição

(Mapa)

Ecologia

Sinonímia Partes da planta consumida

Como é consumida

Quando é consumida

Composição química (bromatologia)

Comentários: Teonildes Nunes

"É importante que tudo seja testado antes para ter uma prova da qualidade gráfica e no final tenha um trabalho mais fiel possível com o original. E lembrou que é importante prever o financiamento da publicação do guia no fim do trabalho (o preço do papel aumenta constantemente)".

É importante também atentar quanto a questão do tempo, é preciso planejar tudo num espaço de tempo que seja possível se

cumprir todas as atividades que foram estipuladas previamente para aquele espaço de tempo.

DINÂMICA - CONTRUINDO NOSSO GUIA

Maria Theresa então prosseguiu fazendo uma dinâmica para a continuação de um Planejamento de um guia de campo, onde cada participante deveria fazer um planejamento do seu guia, baseado em todas as informações repassadas de como elaborar um guia. Assim cada participante definiu o conteúdo do seu guia e como seria a sua estrutura, lembrando que tudo isso teria que ser discutido com o seu público-sujeito para que seja um guia validado.



Participantes planejando o seu guia



Apresentação do Planejamento para Plenária e comissão.

Após o exercício prático, cada participante apresentou suas propostas para a plenária e para uma comissão analisadora formada por Maria Theresa, Teonildes Nunes e Jorge Costa. A comissão analisou cada proposta apresentada fazendo correções e ou contribuições, servindo de estudos de casos para todos os participantes.

Comentários: Foi constatado várias vezes pelos participantes, como eles sentiram a necessidade de rever a proposta original; revisar título; reduzir conteúdo. O exercício conseguiu sensibilizar os futuros autores da necessidade de se planejar o guia e se ouvir o público-sujeito.

Segue (anexo 07) os resultados dos Guias Planejados pelos participantes.

DIA 29 DE MAIO - TARDE**PALESTRA****Sistemas de Identificação e Formas de entradas.**

Jorge Costa

Podem ser definidas com o público-alvo e/ou

- Disponibilidade viáveis definidas através do banco de dados

A forma de entrada depende do objetivo do guia; se deseja que os usuários reconheçam com o guia as plantas conhecidas, ou se resgatam plantas já conhecidas por eles. (*Buscando características diferenciais para facilitar a identificação – características diagnósticas*)

Ex.:

Chaves:

Chaves multi-entrada (*quadro → o melhor*)Chaves simples/dicotômica (*a dicotômica é impositiva por limitar o olhar. Ex: Cor de flor branca ou amarela, vamos supor que na época em que se faça a consulta, a planta não esteja florcendo, como vai se dar a identificação?*)

Chaves com matrizes/desenhos

Distribuição geográfica

Usos

Medicinal

Ornamental

Madeira

Ambiente

Sons

Chaves

O acesso à informação pode ser feito através do Índice, do Sumário, das tarjetas coloridas no tomo do guia, ou ilustrações, enfim, do que for melhor para o público-alvo.

Qual o objetivo do banco de dados?

Teo Nunes

Qual o objetivo do banco de dados?
Qual o feedback que o banco de dados deverá nos proporcionar?
Quem fará uso do banco de dados?
Que tipo de software deverá ser compatível com o banco de dados?

Glossário

- Definição do conteúdo do glossário (*Busca de definições em Banco de dados, dicionários, livros, etc*)
 - Termos científicos
 - Termos técnicos
 - Termos populares
- Ilustração (foto/ desenho)
- Arranjo
 - Por parte da planta
 - Por ordem alfabética

Acrescentou que o objetivo do glossário é definir, conceituar e ilustrar termos científicos ou de conhecimento local de forma clara para o reconhecimento da espécie. Por isso, é preciso verificar se ele é necessário ou não, pois se tudo estiver claro para o público-alvo, ele se torna desnecessário. Lembrou também que não se pode esquecer de fazer uma revisão de tudo por um especialista ou autores. E assim Teo Nunes encerrou a sua fala e mais um dia de atividades, onde também foi feita uma avaliação do dia de trabalho (Anexo 04).

DIA 30 DE MAIO - MANHÃ

Iniciando as atividades do dia 30 de maio de 2003, às 9:00, Maria Theresa começou as atividades falando sobre a produção da publicação.

Passos para a publicação:

- ✓ Estruturação da boneca do guia: reunir todos os componentes elaborados para o guia; (*depois de feita análise junto ao público-alvo*)

- ✓ Editoração da boneca: deve-se testar a boneca o mais próximo do produto final
- ✓ Validação da boneca com o público-alvo: testar se funciona como desejado (*em campo*)
- ✓ Ajustar boneca conforme resultados dos testes
- ✓ Editoração final da boneca pela gráfica (editor)
- ✓ Impressão completa da versão final da boneca
- ✓ Revisão feita pelo autor ou equipe: (texto, fotos, legendas, títulos, paginação, capa, cor, nomes de espécies (científicos)); (*correspondência entre foto e texto*)
- ✓ Correção e Impressão corrigida para
- ✓ Revisão gramatical
- ✓ Correção e encaminhamento para fotolito
- ✓ Impressão e correção da 1ª prova da gráfica (a partir do fotolito): (*ser exigente, olhar cada detalhe*)
Qualidade das fotos; legenda, títulos, nomes científicos, borrões de tinta papel;
- ✓ Correção e impressão 2ª Prova
- ✓ Impressão (*final para que se possa rodar o material*)

Comentários: (Maria Theresa)

No caso dos guias de campo "Leguminosas Forrageiras da Caatinga: espécies importantes para as Comunidades rurais do Sertão da Bahia" que vieram com erros (capa invertida, páginas duplicadas, espiral diferente da que foi testada e aprovada, etc) não foi feita devolução por não haver tempo de verificar um a um, pois, era preciso cumprir o prazo de entrega do produto aos Colaboradores e parceiros, em respeito a eles, além apressar o lançamento, em decorrência do fim do prazo do Projeto Guias de campo de Biodiversidade. Sendo assim, para se fazer a divulgação e distribuição dos guias é preciso envolver as Comunidades e as pessoas que contribuíram com a produção e pesquisa do guia no processo de lançamento.

1º) Definir qual é o objetivo da divulgação

- ✓ Vender
- ✓ Disseminar a informação como estratégia para o uso adequado do recurso natural, (*e garantir que realmente chegue ao usuário*)
- ✓ Disseminar a informação como estratégia para estimular o uso do recurso natural ou, a sua preservação;
Estratégia para estimular a visitação de uma área ou de um Parque.

2º) Qual é a estratégia para alcançar o objetivo

- ✓ Lançamentos promovidos pelo Projeto ou pelo autor
- ✓ Lançamentos em Congressos, Seminários, Feiras, com temas afins
- ✓ Distribuição com cartas de apresentação para Instituições de interesse

Como Validar os resultados

Passos para avaliar e validar o guia pronto:

- ✓ Através de fichas de avaliação (distribuídas com juntamente com o guia)
- ✓ Mapeamento para onde e para quem foi entregue o guia, para posterior avaliação.
- ✓ Testar o guia pronto em uma região diferente daquela onde foi produzida ou em outra comunidade.

Falando agora sobre Metodologias, Maria Theresa destacou que existem livros que falam sobre metodologias participativas, mas o que será apresentado neste curso, será baseado na experiência vivida neste Projeto (Guias de campo de Biodiversidade), na construção deste guia ("Leguminosas Forrageiras da Caatinga: espécies importantes para as Comunidades rurais do Sertão da Bahia").

Passos:

1. Definir o público-alvo
2. Identificar e estabelecer quem serão as pessoas que formarão um conjunto amostral para caracterizar o público-alvo:
 - ✓ Agricultores de uma região;
 - ✓ Técnicos de uma determinada área de conhecimento, ou de uma região;
 - ✓ Turistas;
 - ✓ Grupo de mulheres rezadeiras
 - ✓ Observadores de aves
 - ✓ Pescadores de uma área geográfica, etc.
 - ✓ Agrônomos, biólogos, etc.
3. Estabelecer parcerias de acordo com as necessidades para a elaboração dos guias:
 - ✓ Ong's, Instituições de pesquisa que tenham acesso ou já desenvolvam trabalhos com comunidades;
 - ✓ Universidades que tenham profissionais especialistas ou já tenham produzido a informação, etc.
4. Estabelecer contato com o grupo amostral (*tendo ONG's ou Órgãos atuantes fica mais fácil. Caso não, buscar Associações Comunitárias, Sindicatos, grupos religiosos, atores locais, enfim, pessoas que sejam respeitadas (senhores mais velhos) e/ou tenham destaque naquela localidade*)
5. Preparar a metodologia conforme o perfil do grupo que se irá pesquisar. (*Se atentar as desavenças internas na hora de fazer o perfil da população*)

PLENÁRIA**ESCLARECIMENTOS SOBRE METODOLOGIAS PARTICIPATIVAS**

Maria Theresa: É bom deixar claro que motivar e mobilizar a população local é difícil, e para facilitar o acesso a ela é preciso desmistificar o que está sendo feito ali, para que ela possa dar as informações necessárias para a sua pesquisa.

Alana: Antes, deve-se fazer o diagnóstico do público para estabelecer critérios de atuação de acordo com a real necessidade local.

Maria Theresa: Lembrar também que conhecimento se muda, se transforma o tempo todo.

Carmem: É preciso valorizar o conhecimento da população local, não impondo o seu saber técnico para não inibir a fala e aumentar a auto-estima deles (público-alvo).

Maise: Este curso veio para mudar a postura diante da metodologia participativa que procura ver a real necessidade local, pois toda Comunidade tem suas vontades e necessidades.

Rogério Mucugê: Quando se trabalha com Comunidade é preciso primeiro escutar, em segundo lugar escutar e em terceiro lugar escutar. Não adianta forçar a natureza humana fazendo algo que ela não quer, isso só vai provocar uma perda cultural. Uma palavra maldita pode causar um transtorno no local gerando perda cultural e depressão em algumas pessoas. É preciso respeitar a Comunidade.

Metodologias participativas:

1. Oficinas de trabalho para testar material do guia:

- ✓ Prática de campo: para testar o texto descrito das espécies como forma de identificação ou testar a boneca do guia. Para comunidade como pesquisadores. *(Convidar, verificar o transporte, marcar local antecipadamente e delimitar o tempo respeitando o cotidiano do grupo amostral).*
 - ✓ Oficinas em sala (laboratório): testar chaves de identificação *(de fotos e textos com pesquisadores e aproveitar para testar a cor, qualidade da imagem e papel)*
- 2. Entrevistas individuais:** consultar opiniões de autores ou usuários de guias; turistas que freqüentam uma determinada região; testas jogos de fotos;

Os testes são elaborados conforme: (o seu objetivo maior)

- ✓ Material a ser testado;
- ✓ Público a ser testado;
- ✓ Objetivo da resposta que se quer atingir;
- ✓ Recursos disponíveis;
- ✓ Período em que irá ser feito o teste (período de floração, ou de migração de aves, etc.)

** Levar opções reais e concretas para as oficinas.*

** Não interferir no processo de teste. Nesse momento, só se observará o comportamento deles para depois, em plenária, verificar as conclusões que foram tiradas de acordo com a observação.*

Princípios para aplicar um método participativo:

- ✓ Consultar as comunidades sobre a vontade e interesse de participar do processo; (*Prever as necessidades dos parceiros e da Comunidade*)
- ✓ Planejar com as comunidades, o cronograma das atividades para o processo, que as envolverão;
- ✓ Ao marcar encontros e eventos, sempre consultar e respeitar os tempos e cotidiano das comunidades como dos pesquisadores;
- ✓ Reconhecer as necessidades e demandas geradas a partir das parcerias estabelecidas;
- ✓ Devolver para a comunidade, os resultados de todo processo de consulta e capacitar para o uso do produto final; (*Desenvolver o conhecimento juntos*)
- ✓ Valorizar a participação das pessoas na definição dos créditos do guia a ser publicado. (*Tanto dos parceiros quanto da Comunidade*)
- ✓ Envolver também o grupo - amostral (comunidades, pesquisadores, etc.) nos eventos e festividades de lançamento e distribuição dos guias. (*Fazer o lançamento com uma festa a gosto deles, seja um forró ou festa de igreja*)
- ✓ Planejar cotas de guias (exemplares) para que sejam distribuídas pelas instituições, para que estas possam valorizar os seus parceiros.

Passos para realizar uma oficina de teste:

1. Programar período do teste: ver época de floração, chuvas,
2. Preparar material para ser testado: de acordo com as espécies disponíveis
3. Preparar a metodologia para aplicar o teste (*como ouvir; dinâmica de entrossamento*)
4. Capacitar pessoas para conduzir e aplicar o teste
 - ✓ Dicas para equipe:
 - Um condutor – para orientar e conduzir o teste;
 - Um redator – responsável pela memória, ata da oficina
 - Monitores – irão observar e monitorar a aplicação dos testes (*pertencentes ou não à equipe*)
 - ✓ Dicas para aplicação do teste:
 - Todos os passos executados na oficina deverá ser observado e registrado, para orientar como fazer a próxima oficina de forma mais eficiente.
 - Todas as respostas e material testado deverá ter registro para orientar o que deverá ser mudado no guia.
 - Elaboração de fichas para o condutor, monitor e para a pessoa que será testada.

Alguns exemplos de testes:**➤ Como definir temas, as espécies do guia:**

- Realizar uma Oficina de diagnóstico participativo com os grupos que compõe a amostragem, para definir em grupo, qual seria o tema; que espécies de interesse ou importantes poderiam entrar no guia.

➤ Como definir conteúdos:

- Oficina diagnóstica perguntando, quais as necessidades; e depois mostrar outros guias e ver o que funciona com aquele público; ver o que eles gostariam que fossem contemplados.

➤ Como testar ilustrações: (analisada por gênero, faixa etária...)

- ◆ Aplicar jogos de fotos para testar o instrumento como importante para identificar
- ◆ Testar páginas completas dos guias contendo já as fotos e ilustrações; aproveita-se para testar a qualidade da imagem, tipo de papel, etc.

➤ Como testar textos descritivos

- Testar o texto, se funciona para identificar a espécie - comparar texto com planta; várias plantas para identificar uma ou duas, deverá ser apresentado também vários textos.
- O texto Podem ser testado juntamente com as fotos e ou ilustrações;

➤ Como testar chaves

- Em sala apropriada com equipamentos necessários, para permitir o reconhecimento das características das plantas e identificá-las;
- Com chaves elaboradas especialmente para aquele público-alvo;
- Com material botânico fresco e completo para permitir a identificação.

➤ Como testar bonecas dos guias

- Preparar todos os componentes que se quer testar: textos, fotos, ilustrações; chaves, índices; glossário, etc.
- Montar a boneca do guia:
- Em campo, marcar algumas espécies e pedir que as pessoas identifiquem, através da boneca do guia.
- Não dar mais nenhuma orientação.
- Esse teste pode permitir ver se funciona, o índice como forma de procurar a espécie ou os outras formas de entrada;
- Serve para testar tipo de material do guia; formato, encadernação, cor, etc.

* *É bom ter um editor gráfico para auxiliar durante o teste, pois*

agregando o profissional a essa atividade, ele saberá o que o público realmente quer.

DIA 30 DE MAIO - TARDE

Retomando as atividades após o almoço, Teo Nunes começou falando sobre a formação de equipe de trabalho e Parcerias.

1 – Definição clara das parcerias:

- Clareza dos papéis e compromissos assumidos pelos parceiros;
- Estabelecimento de termo formal da parceria e contrapartidas esperadas.

2 – Definição dos profissionais que irão executar o trabalho:

Perfil do Coordenador: administrador, relação com trabalho comunitário, conhecimento na área de atuação relacionada ao guia (ex. ecoturismo); experiência em elaboração e desenvolvimento de projetos.

Perfil dos técnicos:

Diagramador

Desenhista

Botânico/ especialista

Fotógrafo

Revisor de texto

Facilitador para realização dos testes (Pode ser executado pela coordenação)

3 - Elaboração de um cronograma de atividades executável, respeitando a carga horária disponível dos profissionais.

Orientações para compor uma equipe para elaborar guias de campo

Pensando em se elaborar um guia de campo, antes de definir a equipe de trabalho para sua elaboração, é necessário ter definido a autoria e execução do Projeto e ou do guia a ser publicado: A princípio existem os seguintes formatos:

- A. O guia é uma produção de um autor (pessoa física), ou
- B. O guia será uma obra de uma Instituição, ou
- C. O guia será uma obra de um conjunto de Instituições (parcerias estabelecidas), ou ainda,
- D. O guia será resultado (um produto) de um Projeto,

Para cada situação citada acima, há algumas definições importantes e deverá ser montada uma equipe em função de atender ao formato da composição de execução. Contudo, antes ainda de formar a composição da equipe é necessário ter mais algumas definições a respeito do material que se quer produzir e recurso disponível para isto. Por ordem de prioridade:

- 1ª) Qual será o tema do guia e que conteúdo deverá ser publicado?
- 2ª) Qual será o público-alvo do guia?
- 3ª) Levantar e avaliar se as informações e conteúdo que serão publicados no guia ainda serão elaboradas ou já estão disponíveis.
- 4ª) Qual o tempo disponível para produção do guia?
- 5ª) Qual é o recurso disponível para a elaboração e produção deste guia?

Com todas estas reflexões, nossas sugestões de profissionais necessários para execução de um guia de campo é:

a) Equipe de produção de conteúdo para elaboração do guia:

1 Responsável pela compilação do conteúdo e ou escrever o guia -

O autor, ou pessoa que irá pesquisar, coletar e compilar as informações, ou ainda reunir os trabalhos dos profissionais. (Se o autor é o próprio especialista, este deverá ter dedicação exclusiva)

1 Especialista do tema para revisão e orientação técnica (se o especialista for o autor, deve ter dedicação exclusiva).

1 desenhista – Deverá ser contratado em função dos produtos a serem produzidos (quantidade e tipo de desenhos) e deverá se orientado pelo especialista e ou autor do guia. Entra neste mesmo critério, a pessoa que irá fazer as aquarelas, caso tenha.

1 Fotógrafo – contratado em função produção. Também deverá ser orientado pelo especialista e ou autor do guia.

1 Editor gráfico – Prestação de serviço; período pontual.

1 Design gráfico – um profissional para criar a arte e composição da formatação e desenho gráfico das páginas do guia e composição geral da publicação.

1 Revisor técnico para revisão gramatical – prestação de serviço pontual.

1 Estagiário ou Técnico em informática para alimentar constantemente o banco de dados.

b) Equipe para as atividades de testes com o público alvo:

1 profissional que conheça sobre metodologias participativas, experiências em aplicar oficinas, metodologias de avaliação, etc. Também deve ter conhecimento no tema. (Dedicação de 20 horas/semanais).

1 profissional para registrar as memórias dos testes e oficinas e sistematizar as informações e resultados de tais atividades (prestação de serviços, e contratado pontualmente durante os eventos).

c) Equipe de suporte administrativo - financeiro:

1 Coordenador (carga horária de 30 horas/semanais), se somente exercer a função de Coordenador. Caso venha a desempenhar outras funções deve ser planejada uma carga horária compatível.

1 Assessor administrativo - financeiro (carga horária de 20 horas/semanais), responsável pela prestação de contas, pagamentos, compras, etc.

1 Secretária (carga horária de 20 horas/semanais), deve estar locada junto com o Coordenador do Projeto.

Algumas destas atividades podem ser desenvolvidas por apenas uma pessoa com dedicação exclusiva, mas é necessário rever exatamente quem fará que atividade, e se tem habilidades para aquela função.

As cargas de trabalho foram baseadas neste Projeto que teve duração de 3 a 4 anos.

PLANEJAMENTO DE EXECUÇÃO

a) Atividades

Estudo inicial:

Qual o tema?

Qual o objetivo?

Qual o público-alvo?

b) Estabelecimento de parceiros

Oficinas com os possíveis participantes

Entrevistas com usuários e autores

c) Elementos básicos:

Trabalho de campo

- Envolver as comunidade no projeto
- Selecionar as espécies que sejam mais necessárias e importantes para a comunidade ou público-alvo

- Coletar, fotografar e descrever as espécies
- Identificar taxonomicamente as espécies

Todas estas informações devem ser validadas através de consultas bibliográficas, consulta a especialista, testes químicos, etc.

d) Conteúdo

- Definição das preferências, ilustrações, textos, sistemas de acesso e aspectos básicos.

- Banco de dados
- Levantamento bibliográfico

e) Oficinas de provas

- Material teste
- f) Sistematização
- g) Recursos para equipe
- h) Publicação
 - Tempo para fazer
 - Custos
- i) Devolução a comunidade
- j) Avaliação do impacto

Para concluir, foi entregue um texto com um resumo das atividades e tempo gasto para cada uma delas aos participantes. (Anexo 08).

Finalizando o curso foram entregues Guias de Campos "Leguminosas Forrageiras da Caatinga: espécies importantes para as Comunidades rurais do Sertão da Bahia" junto com uma carta de apresentação e um Roteiro de avaliação (Anexo 09) para cada uma das Instituições presentes, lembrando que é necessário que todos dêem o retorno dessa avaliação para que se possa melhorar o guia daqui para frente.

Foram entregues também Certificados do Curso para cada participante.

DEPOIMENTOS FINAIS

Tendo finalizado o curso oficialmente, os participantes deram o seu depoimento quanto ao curso:

Valdelice (IPA): *Foi muito bom estar aqui fazendo este curso, principalmente porque, em Pernambuco, há uma grande produção de guias de campo, logo este curso será de grande utilidade para que possamos fazer guias de melhor qualidade. Além do mais, este curso me deu ainda mais força para abrir o caminho, mesmo que seja com foice e machado, para que possa trabalhar com plantas medicinais na Organização. Sempre sou procurada nesta área e já construí, com o meu trabalho de pesquisa, um Banco de Germoplasma.*

Bernadete (IPA): *Este curso foi muito bom principalmente pela diversidade na formação do grupo (técnicos, pesquisadores, pessoas de outras áreas). É muito bom conhecer outras ONG's e jovens interessados nessa área. É preciso renovar as caras. Foi muito bom também ter encontrado o jovem estudante Alexandre Pires aqui. A Comunidade Acadêmica sente muita dificuldade em se comunicar com os técnicos e neste curso foi possível ter um nivelamento entre todos os participantes em relação à linguagem. O técnico agrícola possui uma linguagem baseada na sua vivência e por isso possuem informações que pesquisadores nunca teriam por não estar também em campo e sim trancado nos Herbários, por exemplo. Apesar de Carmem (técnica) não ter se sentido capaz de construir um guia foi provado na dinâmica que ela é capaz e, quem sabe, seria a mais indicada para isso por ter a vivência a seu favor, tendo informações ainda mais ricas sobre o*

assunto. Título é outra coisa, cada um é Doutor no seu campo, mesmo que não haja título, ela é doutora pelo conhecimento que tem. Nós precisamos ter mais experiências como essa para que haja a troca de conhecimentos entre pesquisadores e técnicos. Agora, é preciso rever o que foi visto aqui e adequar esses conhecimentos ao guia que vou construir.

Maise (UFBA): Eu acho que o curso atingiu o seu objetivo. Foi muito produtivo. Foram expostas idéias de como se construir um guia de forma clara. E apesar de ter vindo apenas para fazer o curso, e não conhecer pessoas ou estabelecer novas amizades, a minha companheira de quarto (Clara) me fez ver que não é bem assim. Para mim esse curso foi muito bom.

Francisca (UFCE): O curso foi muito produtivo. Ele me deu uma bagagem nova de conhecimentos os quais irei compartilhar ao retornar. Os palestrantes vestiram a camisa com tanto entusiasmo que estimula a criação de guias.

Cecília (UEFS): O curso foi muito bom principalmente por ter conhecido o Projeto do Sabiá que leva estudantes universitários ao encontro de agricultores, durante uma semana em campo, provocando a troca de conhecimentos entre eles. Isso é muito bom e a recíproca, o agricultor vindo para a Universidade, também deveria acontecer.

Gerda (Autônoma): Foi muito bom encontrar lutadores que atuam em seus locais. Como sou autônoma, estou procurando uma pessoa com tempo disponível e comprometida, para fazer a revisão do texto que escrevi, pois sou estrangeira e não tenho como fazer isso. Cada contribuição é bem vinda. Quanto a metodologia participativa, eu resumo em uma palavra: AMAR, querer dar tudo e não esperar nada de volta.

Clara (IBGE): Eu dei uma lida no seu texto, Gerda, e vi que apesar de você ser estrangeira, escreve com um português claro, sendo apenas necessário uma revisão gramatical. Eu me candidato a te ajudar, mas só daqui a 2 meses, pois, no momento estou muito ocupada.

Gerda (Autônoma): Eu quero testar o texto em leigos para ver se consigo passar a mensagem. Além de verificar os exemplos de manejo sustentável.

Alexandre (Sabiá): Eu estou a 6 meses no Sabiá e lá, temos a necessidade de por tudo que estamos vivenciando no papel. O curso de

guia foi visto como uma saída para concretizar o anseio de colocar no papel essas experiências. Quanto a fala de Berna em relação aos jovens, eu acho que a inserção de jovens nessa área faz parte da renovação dos espaços nas Organizações trazendo novas idéias e formulações. Tive muitas decepções no meio acadêmico, mas, o curso me fez ver que existem muitos universitários que estão preocupados com o social, quebrando o preconceito em relação a isso. O que falta é a Academia ir à Comunidade e vice-versa. O estágio promovido pelo Sabiá é restrito, mas pretende se expandir por ser uma experiência fantástica para ambas as partes. O feed-back que nos temos é muito interessante por mostrar as descobertas dos estudantes com a vivência e convivência deles com o campo.

Maria Theresa (palestrante): É muito bom ouvir essas respostas de vocês. Isso mostra que conseguimos passar o conhecimento e lembrar que o construir se faz junto. Cada conhecimento possui o seu lugar e todos podem chegar lá.

Cosme (UEFS): Fiquei muito curioso com os eu livro, Gerda. Achei fantástico o curso desde o convite e fiquei muito feliz por ter sido contemplado a participar. A troca de experiências foi muito boa e estou ainda mais feliz por saber que daqui a uns 5 anos, surgirão muitos guias para academia e agricultores.

Carmem (FUNDIFRAN): O curso foi de grande importância para mim, pois foi possível conhecer um Herbário apesar do curto espaço de tempo. Retornarei, com mais tempo e calma, para trazer espécies e pesquisar no Herbário, assim como para trazer os novos guias daqui a alguns anos. Estou ansiosa para começar a escrever o livro e falar com os meus amigos sobre tudo isso.

Nilson (UNEB): Eu pensei que este curso seria 3 dias em sacrifício à ciência, no entanto, ele foi muito proveitoso, produtivo e ainda revi velhos amigos. A proposta da dinâmica deixou o trabalho mais descontraído. Trabalho em Comunidade não é chato e não há diferença no discurso do técnico e do acadêmico. O que temos que fazer é contribuir com o outro dando uma luz e impedindo que os mesmo erros sejam repetidos. Temos que ir em busca do que se quer. Os palestrantes se fizeram como estimulantes para a construção de novos guias.

Lindinei (GARRA): Eu entrei no GARRA em 1997 e acabei me tornando sócia. No início eu achava que o curso era para ser guia na

Caatinga, depois é que eu vi que era para se fazer a construção e guias de campo. As dinâmicas foram muito boas para acabar com a timidez e estar em contato com o grupo mexeu muito comigo. Com esse curso foi possível aprender, ampliar conhecimentos e se comunicar com diferentes pessoas de diferentes áreas de atuação. Nós somos importantes não importando se o seu meio é acadêmico ou não.

Maria do Céu (UFPB): Fiquei muito contente por vir aqui por ser uma aluna. Pensei que este curso fosse apenas para professores. Fiquei até um pouco tensa em relação a o que eu encontraria aqui, mas, foi ao contrário. O clima do curso foi tranquilo, ninguém estava aqui para medir forças, todos estavam dispostos a aprender. Foi muito positivo para mim, pois conheci ONG's e abriu a minha mente.

Maria Theresa (palestrante): Já vi que nós fomos ineficientes na divulgação do título do curso, causando confusão para o que seria trabalhado aqui. Nós, não paramos para escolher quem participaria ou não, a prioridade foi a ordem de inscrição. Na lista de reserva ainda ficaram muitos nomes. Em decorrência dessa grande procura, nós abrimos 6 vagas a mais para contemplar aqueles que estavam construindo guias. O nosso universo de seleção foram Herbários e ONG's que trabalham com o tema. Que bom que vocês gostaram e aproveitaram o curso, isso mostra que conseguimos repassar o que aprendemos durante a experiência deste Projeto. Espero encontrar vocês mais tarde com os novos guias. E se precisarem de ajuda na construção dos guias, é só entrar em contato que ajudaremos no que for possível.

Respostas das Fichas de Avaliação (respondidas por cada participante) entregue ao final do curso

Tarde, 30/05/2003

1) O curso atendeu as suas expectativas?

Sim, e muito mais do que esperava. Atendeu, tanto no que diz respeito aos métodos participativos, como também quanto à elaboração de Guia de Campo de Biodiversidade, como também abriu expectativas para esperar maiores novidades.

Alguns chegaram com a expectativa de pensar e conhecer as experiências vividas, para poder planejar um instrumento como um guia que possa atender as necessidades das comunidades e dos (as) agricultores (as), o que foi plenamente correspondido.

Ressalvas:

- 4 Poderíamos ter feito um teste na prática -campo.
- 4 Devido a fase de difusão em que se encontra o projeto "Guias de Campo de Biodiversidade", ainda não há muita clareza quanto a garantia de uso do material produzido (Guia).

2) Qual foi a contribuição mais importante?

A opinião geral relata que a troca de experiências e depoimentos de alguns participantes. Caso contado por alguns deles.

Referência de boa organização e de boa condução das atividades. Roteiro para construção de um guia.

Os passos para elaboração de um guia.

O embasamento para posterior confecções de guias.

O fato de se levar em consideração a opinião do público alvo ao se elaborar um guia de campo.

A visão integrada de todas as fases do processo de construção do produto e de decisões participadas.

Troca de experiências; depoimentos; alertar para o cuidado que nos técnicos temos que ter quando o outro está envolvido, e sempre há o outro.

As trocas de experiências.

A experiência vivida por vocês; a análise dos passos necessários; o comentário dos erros e acertos.

Estar preparado para organizar um guia de campo.

O entendimento da dinâmica do curso, isto é, do processo de elaboração de Guias de campo.

Como elaborar o guia de campo com bastante eficiência.

Tudo foi importante, entretanto gostei bastante das dinâmicas de grupo.

A troca de experiências com pessoas de diversos campos de atuação (de pesquisadores a guias).

A clareza com que as coisas foram abordadas. Antes, eu tinha uma idéia de como fazer um guia de campo, agora eu vejo como devo proceder para realizar o meu projeto.

Ter aprendido a metodologia participativa e vivenciado a construção de um guia, assim como a troca de experiências.

Metodologia para organizar um guia de campo de biodiversidade; contato com outras realidades (multidisciplinaridade).

A metodologia inovadora para realizar um trabalho com bases sólidas, bem sistematizada.

As experiências que o grupo de vocês teve na construção do guia. O repasse participativo, construtivo para esse grupo. Ter a coragem e vontade de repassar experiências é uma atitude muito sábia, é uma atitude de "gente grande".

A noção de como elaborar guias.

O curso possibilitou o esclarecimento sobre o que é e como deve ser feito um guia de campo.

Entender o conceito de guia participativo, a partir de uma experiência vivenciada.

A exposição da dinâmica de construção de guias de campo.

Ver que por trás de um trabalho como um guia participativo tem muita coisa que quem está de fora não sabe o quão custoso é, isto é, desmistificou.

Exercício de elaboração do Guia e análise de vários guias.

Repasse de informações/ experiências essenciais para elaboração do nosso próprio guia de campo.

Vivenciar o que realmente contempla um guia de campo. Possibilitou a formação (mental) do "meu" guia.

A troca - socialização dos desejos, "sonhos" de esses, ampliou o sonho de outros para construção de um guia.

A experiência vivenciada por vocês foi bastante oportuna e contribuiu bastante para a concretização do meu guia. O modelo de guia criado de última hora. +++

O aprendizado de como gerar um guia de campo e a importância da metodologia participativa.

Novos conhecimentos e propostas, além de conhecermos, de ter sido compartilhado todas as dificuldades e entraves com que vamos nos deparar.

Além da metodologia, a troca de experiências, aliás, conhecer outros que trabalham na área de guias.

3) Analisando a estrutura do curso e o conteúdo, avalie o que funcionou e o que não funcionou:

Funcionou: passar as experiências de como fazer um guia de campo e fomentar troca de experiências e romper barreiras entre pessoas de diferentes grupos da sociedade.

Não temos críticas a fazer, apenas PARABENIZAR a equipe pelo excelente trabalho realizado e agradecer ao convite e a oportunidade de participar.

O curso foi muito bem estruturado, com uma equipe muito boa, tanto dos palestrantes, quanto ao apoio.

Funcionou a participação de diferentes profissionais da área, a metodologia empregada, a dinâmica. Não funcionou: a metodologia da discussão.

Acredito que teve um bom funcionamento, com algumas, mas que não deixou de funcionar.

Funcionou: dinâmica, repasse de informações, descontração. Não funcionou: controle do tempo nas discussões.

Para mim, o curso foi bem estruturado.

O conteúdo interessante, muito bom para o tema proposto.

O uso de diferentes recursos (data show, painel...), as dinâmicas (produziram os melhores resultados). Tudo enfim foi ótimo.

Quanto a organização do curso e distribuição do conteúdo, em relação ao tempo disponível, acredito que pela dinâmica intrínseca ao tema seria necessário um tempo maior ou uma especificidade dos conteúdos a serem trabalhados pelos expositores. Foi muito importante o processo de sensibilização dos participantes.

Na minha opinião o curso atingiu todos os seus objetivos e nossas expectativas.

O que funcionou: debates, reflexões coletivas, as dinâmicas diversas. O que não funcionou: tempo de duração do curso muito pouco.

Foi funcional todo.

Sim: dinâmicas, conteúdo, apresentadores. Não: mais tempo para praticas (idealização do guia).

Funcionou: dinâmicas de trabalho, entrosamento, equipes de trabalho, facilitadoras e facilitador, equipamentos, entrosamento da equipe/ coordenação e o grupo.

As dinâmicas foram muito legais, embora tomem muito tempo, que no caso era curto pra quantidade de informação.

Funcionou: conteúdo, programa, transporte, acomodação etc. Não funcionou: lanche, água (faltou), tempo para encerramento, tempo para discussão.

O que não funcionou muito bem foi a questão do tempo que deveria ter sido obedecido. Quanto ao resto, tudo foi muito bom,. Os ministrantes do curso, conseguiram, na minha opinião, passar tudo o que foi proposto.

Funcionou muito bem a forma de repasse de informações. Não funcionou de início o exercício do debate mas depois foi corrigido.

Para mim o que ficou um pouco desorganizado foi a apostila. Pois não estava encadernada pela ordem numérica e no momento da consulta ficava-se perdida procurando o assunto que estava sendo exposto.

Funcionou tudo muito bem.

O curso foi bem estruturado, principalmente porque atingiu os seus resultados.

Funcionou: as dinâmicas, o material didático, os dados disponibilizados. Não funcionou: respeito do tempo das exposições e falta de tempo para discussão.

Infra-estrutura OK! Repasse de informações OK!

O funcionamento foi perfeito. O conteúdo atendeu perfeitamente a necessidade de informações para a produção do guia. A metodologia bastante eficaz e estudada exaustivamente, objetivando diminuir os erros.

A dinâmica do curso funcionou muito bem, porém as intervenções dos ouvintes deveriam ter sido melhor controladas, para permitir uma participação mais uniforme de todos.

A metodologia foi excelente, conciliando teoria e prática. O material também foi muito bom.

Funcionou: dinâmicas, composição de vários palestrantes. Não funcionou: a apresentação do teste, deve ser usado como oficina.

A metodologia utilizada; o data show; as apostilas sobre o tema; o curso.

Funcionou: metodologia. Não funcionou: duração do curso (tempo insuficiente). Na estrutura do curso acho que tudo está ótimo.

No conjunto tudo funcionou o que mais deixou a desejar foram alguns comentários longos a respeito de alguns assuntos.

Aprender a construir de forma ideal descobrindo os erros e os acertos de produtos finais (Guias).

4) Analisando a organização do curso, avalie que funcionou e o que não funcionou: (Programação, tempo, localização, divulgação, deslocamento, alimentação, hospedagem, etc.)

Tudo foi em mais perfeita harmonia no conjunto.

Para mim tudo foi positivo.

Diante da responsabilidade que assumimos com as escolhas e diante dos imprevistos, a organização foi satisfatória. A avaliação diária e o retorno foram ótimos.

Funcionou: a programação (apesar do pouco tempo), a divulgação e o assessoramento constante. Não funcionou: tempo insuficiente, deveriam ter mais dias, horas.

A organização do curso foi excelente o que não funcionou foi a questão do tempo, mas devido ao não cumprimento, por parte de alguns participantes, das recomendações previamente estabelecidas.

Sim: programação, alimentação, hospedagem, localização, divulgação. Não: tempo.

O objetivo maior era o crescimento do grupo no sentido de amadurecer e fluir idéias para que novos guias sejam elaborados. A parte logística desde que permita um conforto razoável aos participantes deve ser considerada satisfatória.

Programação OK!, tempo OK!, localização OK!, divulgação OK! , deslocamento OK! , alimentação OK! , hospedagem OK!

O tempo é que ficou um pouco fora do previsto, devido a certas necessidades, mas sem problemas comprometedores. O resto funcionou muito bem.

Tudo funcionou perfeitamente: o curso (treinamento) e tudo mais que foi proposto tais como hospedagem, transporte e alimentação.

Funcionou: programação, localização, divulgação, deslocamento, alimentação. Não funcionou: TEMPO.

Francamente, na minha ótica, funcionou tudo de forma perfeita.

Programação boa; tempo pouco; localização boa; divulgação normal; deslocamento pequenos atrasos; alimentação e hospedagem bons.

Programação, localização, divulgação, deslocamento, alimentação e hospedagem: todos funcionaram. O tempo foi um pouco desperdiçado. O tempo de execução do curso foi razoável, pois foi possível repassar o assunto e desenvolver os trabalhos.

Tudo OK!

O curso foi excelente. Através dele tive uma visão mais ampla do que realmente eu posso realizar nos projetos futuros.

Na minha opinião tudo funcionou a contento, só o tempo deveria ter sido maior.

O tempo não funcionou. Os demais foram bons ou ótimos (funcionaram bem).
O tempo: tivemos problemas com o tempo limitado para as apresentações reduzindo o tempo de discussões (final do curso).

Negativo: troca de salas, hotel (recepção), tempo (\pm). Positivo: comunicação antes e durante, deslocamento, alimentação, programação, local (ideal - precisamos ocupar as universidades).

A única coisa que precisasse rever o tempo para as discussões e apresentações dos projetos.

Hospedagem: falta de organização da recepção do Hotel em orientar os participantes do evento.

Não funcionou, refletir com minúcias sobre as praticas do projeto "Guias de leguminosas...", devido ao curto período de tempo programado.

A programação ficou atrapalhada em decorrência da divisão do tempo que se estendeu devido às intervenções, em grande quantidade, dos participantes.

Acho que vocês foram felizes nos tópicos selecionados para apresentação aos participantes.

Programação aliás, funcionou legal. Teve alguns dias que só teve carne vermelha.

Só achei o tempo muito corrido, o restante foi ótimo.

Para mim, a resposta anterior contempla esta. (Resposta anterior: Acredito que teve um bom funcionamento, com algumas, mas que não deixou de funcionar.)

Divulgação: deveria ter sido divulgado na TV local.

Não funcionou apenas o tempo. Funcionou tudo mais.

O curso foi bastante organizado, podemos perceber a integração do grupo de trabalho, o tempo foi bem aproveitado, localização boa.

Organização do tempo: no início muita perda de tempo, depois melhorou. Os outros pontos: tudo funcionou bem até ótimo.

5) Diante desta capacitação, você se sente preparado (a) para elaborar um guia de campo?

Sim.

Teoricamente preparada e crendo que a medida que surgirem dúvidas (na prática) solicitarei vocês!!!

Acredito que sim.

Sinto-me preparada para começar a fazer um guia de campo, não tenho certeza se o preparo será suficiente ao ponto de concluir.

Com a participação de interessados, sim, sei que sentirei dificuldades, mas, com certeza serão superados.

Tentarei amadurecer as idéias e expor para os meus colegas, visando a concretização do sonho. Acho que terei problemas quanto a elaboração dos custos de um projeto dessa qualidade.

Uma resposta muito séria, acho que é um processo. Aprendi muito, vou discutir na minha Instituição a possibilidade de elaborar um guia, com certeza no dia a dia vão aparecer dúvidas, será importante manter o diálogo, tirar as dúvidas.

De um modo geral sim. É claro que no desenvolvimento deste processo, vou necessitar me comunicar varias vezes com vocês.

Sim. Apesar de ter participado junto à organização e não se tratar de um tema da minha área (Comunicação), me sinto apta a ajudar na confecção de um guia de campo.

Preparada não, porém apta para tentar.

Sim, pois acredito que com a prática será possível aparar as arestas do projeto, ou seja redimensionar a metodologia.

Sim, porém referente aos aspectos estruturais e metodológicos, pois a metodologia Participativa será algo que teremos que desenvolver e adequar de acordo com os sujeitos envolvidos.

+ ou - pois a noção era pouca, após o curso essas noções aumentaram e só pondo em prática para ver.

Não tanto como eu gostaria mas, com certeza vou tentar.

Sim. Sinto-me capaz de desencadear um processo de construção/elaboração de um guia.

Eu diria que, com esse curso, adquiri uma base excelente para colocar em prática os meus "sonhos" (projetos).

Sinto-me capacitada a elaborar um projeto e desenvolvê-lo e produzir o material proposto (guia).

Sim, só falta dinheiro.

Quase preparada.

Ao retornar, preciso amadurecer mais a minha idéia e rever todas as orientações aqui recebidas, que foram boas.

Se depender só de mim, a resposta é sim porém a depender dos parceiros, fico um pouco temerosa.

Sim, mas com alguma Assessoria.

Sim. Com todos os ensinamentos, análise, troca de experiências e o roteiro oferecidos, sinto-me apta a desenvolver o planejamento e execução do guia. Com certeza.

As informações trocadas no curso vêm somar a idéia que tenho para a elaboração do guia.

Preparada para pensar na possibilidade de ...

Sim. Porém o mais interessante é que nunca tinha pensado na possibilidade de elaborar um guia, e após este curso, passei a pensar seriamente nesta possibilidade.

Diante da sistematização muito boa da apresentação da experiência, a confiabilidade aumentou principalmente, pelo benefício as Comunidades.

Com uma certa insegurança de principiante, me sinto apta a experimentar.

Sim, embora, tenho certeza, que em alguns pontos vou precisar de muita ajuda. Mas para isso servem os parceiros.

Sim mesmo que algumas dúvidas apareçam o material poderá lhe auxiliar na condução e elaboração do futuro guia.

Sinceramente não, mas este curso me deu suporte para entender de como elaborar um guia, acho que a partir daqui irei melhorar meus conhecimentos.

6) Para a realização d um próximo curso, o que poderia melhorar e o que poderia se repetir?

A metodologia repetir. Olha tudo pode ser conduzido nesse mesmo nível e abordagem. Foi ótimo. Almoço, lanche etc.

Se for possível a realização do curso e a hospedagem serem no mesmo local ganharia mais tempo.

A carga horária poderia aumentar, dessa forma não seria necessário tanta preocupação com o tempo. Todo o resto do curso esta bem estruturado e organizado.

Acho extremamente importante uma maior abordagem sobre as ferramentas e estratégias para o desenvolvimento de um processo participativo. Apresentar mais estratégias de garantia de uso do material por parte do público sujeito. Continuem repetindo a competência, a articulação da equipe, a atenção, a disponibilidade, a abertura e o carinho e a seriedade com a qual as coisas foram conduzidas.

O que poderia ser melhorado é a questão do tempo, talvez ampliando a duração do curso. O que poderia ser mantido para os próximos encontros seria a metodologia utilizada.

Aula de campo (incluir). A retroalimentação constante das observações solicitadas por escrito aos participantes. Repasse em tempo hábil das críticas ou avaliação.

O curso foi bem estruturado, acredito que conseguiu atingir os objetivos, portanto não necessita sofrer grandes modificações para um próximo evento.

Melhorar os trabalhos de grupo, e os temas gerados. O Programa contempla todas as minhas expectativas, todos os pontos poderão ser repetidos com pequenos ajustes nas dinâmicas.

Poderia ter uma maior integração dos participantes fora do curso; como por exemplo: um passeio ou alguma forma de integração, mais participação. Poderia também ter feito testes como foi feito com o público alvo. Repetiria tudo sem problemas, a melhora virá com a experiência.

Sorteio da apresentação do conteúdo, apresentação e formato do guia. Utilizar local com assentos móveis para melhorar trabalho em equipe, arrumação do grupo em semicírculo e apresentação dos trabalhos. Iniciativa a inter-relação entre as Instituições participantes.

Acho que poderia ser aumentada a carga horária para uma explanação mais calma dos conteúdos e para uma aula de campo.

Deixar mais tempo para discussões, para exposições. Talvez estender por mais um dia. As dinâmicas devem se repetir. O conteúdo está bem definido. Se fosse possível, uma prática em campo seria talvez o ideal. A metodologia, com tranquilidade deveria repetir.

Mais tempo e mais prática de avaliação ou teste, para por em prática as discussões com o público alvo e com os componentes da coordenação do guia (simulação).

Melhorar: controle do horário da fala de cada um, pois muitos estendem demais e há perda de tempo. Continuar: todas as técnicas realizadas.

Talvez, o tempo pudesse ser maior ou menor o número de pessoas.

O conteúdo é muito bom, mas acredito que o tempo talvez tenha sido insuficiente principalmente no que diz respeito as discussões de grupo. Acredito também, que poderia ter sido realizado mais trabalhos em grupo.

Número de dias; um tempo para discussões importantes, não práticas dentro do conteúdo.

Poderia melhorar o aproveitamento do tempo, com uma forma mais rígida de conter os debates ou falas daqueles participantes mais questionadores, principalmente quando essa fala não somar para o entendimento do assunto que esta sendo passado.

Repetir metodologia.

(em branco)

Tudo foi muito bom, ou seja, pode repeti-lo na íntegra.

Atividade de campo e uma melhor definição dos conteúdos entre os expositores, para evitar a repetição do conteúdo.

Se repetir: as dinâmicas, as oficinas, a estrutura logística (hospedagem masculina com duas pessoas por quarto, local, deslocamento...), material didático. Para melhorar: tempo do curso.

Dar mais tempo para as dinâmicas e discussões, pois, a grande maioria dos ouvintes sempre faz colocações muitas vezes extensas.

O curso foi bastante proveitoso e as sugestões citadas abaixo são apenas para auxiliar: estipular tempo para as discussões; especialmente este curso, poderia ter um dia a mais de duração.

O curso ser no mesmo local da hospedagem; atividade prática, podendo em um dia trabalhar a noite para facilitar. Obs: O curso foi um momento bom por ter acontecido um intercâmbio entre cientista e ONG's, embora a pesquisa, o universo acadêmico está muito distante da Comunidade, é preciso ter mais estes momentos, para troca de experiências.

Melhorar: incorporar. Acredito que o exposto no item 1 seria algo real, acompanhado do roteiro de orientação para aplicar o "Teste para avaliar o guia de campo". (Resposta do item 1: De modo geral sim, porém, pensei que iríamos fazer um teste na prática -campo.). A metodologia de "esforçar" elaborar o guia do seu sonho.

Para uma melhor integração entre os participantes, deveríamos estar identificados com o nome e a Instituição a qual representamos. Deveria divulgar o "site" das Instituições aqui representadas. Parabéns pelo excelente trabalho!!!

Maior tempo, 2 dias e meio pareceu-me insuficiente para o conteúdo proposto, prejudicando as discussões e talvez melhorando explicações. No mais pode-se repetir.

O tempo poderia ser mais folgado. para podermos visitar o Herbário com mais tempo e quem sabe até ter uma programação cultural. Atividades práticas. Oficinas para uso do guia.

A parte introdutória poderia ser mais enxugada. As "dinâmicas" e palestras etc, poderiam se repetir. O tamanho do grupo era bom - não deve ser maior.